

Bocayuva, Izabela
Sobre a catarse na tragédia grega.

ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

SOBRE A CATARSE NA TRAGÉDIA GREGA¹

Izabela Bocayuva
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo: A tragédia evidencia imitativamente a condição humana. Estamos, a todo momento, sujeitos a uma reviravolta interpretativa de nossas ações que pode nos ser favorável ou desfavorável em termos de bem estar. Se não podemos jamais ter controle sobre isso, pelo menos estarmos preparados para essa condição vulnerável já faz uma grande diferença. É nesse sentido que a tragédia é formadora do cidadão. Tudo está sujeito à mudança. Aprender a viver através da tragédia seria, portanto, aprender a estar pronto para descobrir mais uma vez o caminho que leva até onde já se está.

Palavras-chave: tragédia grega – catarse – Poética

Abstrat: The tragedy resembles the human condition. All the time it's possible to happen a reversal regarding the interpretation of our actions. It can be favourable and unfavourable in terms of well-being. If we never can have control on it, at least to be prepared for this vulnerable condition makes a big difference. In this sense the tragedy educates the citizens. The catharsis as a constitutive element of Greek tragedy can teach us how to live while it promotes the light experience of coming to the way on which we already are.

Key-words: Greek tragedy – catharsis – Poetics

Na Poética, Aristóteles coloca uma questão que nos interessa investigar aqui: a catarse, uma espécie de prazer próprio da tragédia, resultado da purgação do terror e da piedade suscitados por aquele espetáculo teatral. A avaliação positiva de uma tragédia depende exatamente de sua capacidade de levar à catarse. É que esta última está diretamente ligada à formação do cidadão. E não precisamos necessariamente pensar essa formação, como é muito comum, em termos morais. Parece-nos que não é esse o ponto. A tragédia tem uma finalidade educadora sim, segundo Aristóteles, mas isso tem muito mais a ver simplesmente com aprender a viver, "vivendo". Não se trata de aprender a não agir errado fazendo isto ou aquilo especificamente, mas de aprender o que a cada vez significa agir e isso de modo universal.

¹ O presente artigo é a revisão de um texto publicado em *Ethica*, vol. 15, n.1, 2008; a partir de palestra apresentada no Seminário OUSIA de 2007.

Bocayuva, Izabela
Sobre a catarse na tragédia grega.

A forma dramática e não puramente narrativa de realização do mito na tragédia, além da necessária presença de verossimilhança, proporciona uma experiência de contemplação da vida ao mesmo tempo que de atravessamento radical por causa da identificação que ali deve ocorrer inevitavelmente. Para que isso se dê, o mito deve ser escolhido a dedo, o herói deve ser trabalhado para ser alguém digno de apreço. Aquilo que se passa ali adiante, no centro do teatro, poderia se passar com qualquer um da platéia. Por outro lado, o distanciamento é evidente, afinal a tragédia é uma imitação, de tal modo que ao final da apresentação que levou cada espectador ao padecimento, é possível a sensação de alívio; daí o prazer da catarse. Assim, o que principalmente está em jogo não é qualquer tipo de julgamento de valor sobre um homem ou sobre essa ou aquela ação, nem mesmo sobre essa ou aquela história. O que mais interessa é que naquele tempo de encenação, a vida por inteiro, naquilo que ela tem de mais essencial, se manifeste através da lapidação do mito.

Como Aristóteles mesmo diz:

O mais importante é a trama dos fatos, pois a tragédia não é imitação de homens, mas de ações e de vida, de felicidade [e infelicidade; mas felicidade] ou infelicidade reside na ação, e a própria finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade. Os homens possuem tal ou tal qualidade, conforme o caráter, mas são bem ou mal aventurados pelas ações que praticam. Daí que na tragédia não agem as personagens para imitar caracteres, mas assumem caracteres para efetuar certas ações.²

A tragédia imita a vida com o viver, com o agir, lida essa que necessariamente, sem qualquer garantia prévia, pode se desenrolar seja como boa, seja como má aventura. Ora, se vida consiste essencialmente em ação, em decisão, vida encontra-se sempre em risco, pois, ação é sempre risco. Como no Édipo Rei, a mesma ação – a decifração do enigma da esfinge –, é lembrada como momento de grande júbilo, mas num outro momento é percebida como mais um acontecimento desastroso no percurso de terrível desgraça. Ora, afirmar que toda ação é risco, isso quer dizer que toda ação é erro, constitutivamente erro com o qual estamos sempre procurando lidar da melhor maneira possível. Dizemos erro aqui não no sentido do que é errado em oposição ao que é certo. A rigor, todo gesto é erro porque todo gesto é equívoco, finitude – necessidade de retomada da decisão. Parece-nos que vem daí a afirmação aristotélica de que se o herói trágico "cai no infortúnio, tal acontece não porque ele seja vil e

² Aristóteles. *A Poética*. Trad. e Comentário Eudoro de Sousa. Lisboa: Casa da Moeda, 1990. pág.

Bocayuva, Izabela
Sobre a catarse na tragédia grega.

malvado, mas por força de algum erro"³. Édipo só pode ser aquele que reconhece sua culpa por ter errado. Seu erro está em sua ação. Mas sua ação é o percurso de sua vida, seu trajeto, sua trajetória. A mesma ação que será visível de dois modos inteiramente distintos. Primeiro, como caminho de sucesso, depois, como caminho desgraçado.

A tragédia evidencia imitativamente a condição humana. A todo momento, estamos sujeitos a uma reviravolta interpretativa de nossas ações que pode nos ser favorável ou desfavorável em termos de bem estar. Se não podemos jamais ter controle sobre isso, pelo menos estarmos preparados para essa condição vulnerável já faz uma grande diferença. É nesse sentido que a tragédia é formadora do cidadão. Tudo está sujeito à mudança. Aprender a viver através da tragédia seria, portanto, aprender a estar pronto para descobrir mais uma vez o caminho que leva até onde já se está.

Mas não estamos apenas sujeitos a reviravoltas. A cada interpretação, seja ela qual for, somos sempre os responsáveis pelo que fazemos. Por mais que Édipo seja marcado por uma maldição herdada, destinada, isso não o libera de seus atos, antes, isso o deixa ainda mais amarrado a eles. Aliás, é precisamente essa situação paradoxal do drama trágico, de o herói ser culpado sem o ser, que suscita no espectador tanto o *páthos* do terror quanto o da comiseração. Justamente isso nos fala direto ao coração porque se trata de algo que todos conhecemos ainda que não necessariamente de modo explícito. Mas o reconhecimento da culpa que se tem, não se tendo ou que não se tem, tendo, é elemento fundamental de abalo e comoção geral. A culpa inocente ou a inocência culpada é algo de terrível. É terrível a inexorabilidade do fato, do feito, inexorabilidade essa chamada destino pelos gregos. Como não ter pena da inocência do culpado ou da culpa do inocente? E que não se entenda nessa pena qualquer tipo de sensação de injustiça. Não há injustiça no paradoxo da culpa do inocente. Por isso mesmo a tragédia suscita piedade. Houvesse injustiça no desfecho do drama, ele suscitaria indignação e até mesmo ódio.

A culpa trágica da qual estamos tratando pode ser vista como culpa originária⁴. Não ocorre com todos nós a todo momento, isto é, a cada decisão (aparentemente nosso próprio arbítrio), já termos sido escolhidos pelo que escolhemos? Para podermos estar escolhendo

³ Ibidem. pág.

⁴ Cf. KIERKEGAARD, Sören. *De la Tragédia*. Trad. Julia López Zavalía. Buenos Aires: Editorial Quadrata, 2005. pág. 40 ss

Bocayuva, Izabela
Sobre a catarse na tragédia grega.

entre certas possibilidades, elas já têm de ter sido abertas e estar disponíveis. Na verdade, o que sempre está ocorrendo é apenas o simplesmente Possível. É claro que participamos na feitura, na realização efetiva, desse Possível, afinal somos ou não somos sempre “culpados”? Entretanto, tomando uma distância, como quem vê um drama no teatro, podemos perceber que estamos enredados numa trama sobre a qual não arbitramos. Muito pelo contrário, ela é que nos conduz em nossas decisões a cada passo. Assim, já entramos na vida cumprindo um papel que vamos descobrindo qual seja à medida que vamos vivendo. Nesse sentido, a vida imita o teatro. Cada um de nós é um ator trágico na trama do drama da existência.

É evidente o quanto a famosa sabedoria trágica do Sileno – figura mítica que chefia os sátiros, seguidores do deus Dioniso –, a saber, de que o melhor para os mortais seria não terem nascido, mas já que nasceram, o melhor que pode haver para eles é morrerem o quanto antes –, é evidente, dizíamos, o quanto essa sabedoria ilustra a compreensão de que viver é sofrer. Vivendo como errantes, a cada passo realizando decisões, estamos constantemente enredados pelo fenômeno da dor e do sofrimento, modalidades em que o próprio mal aparece em nossas vidas. A tragédia ática parece ter sido um caminho para a experimentação e lida com esse mal originário. Trata-se de uma experiência profunda com o desprazer/prazer/desprazer/prazer/... que constantemente está a nos atingir. Paul Ricoeur, tratando da questão do mal na trajetória ocidental, comenta a dialética hegeliana como a coincidência do trágico e do lógico: "é necessário que alguma coisa morra para que alguma coisa maior nasça. Neste sentido a infelicidade está em todo lugar, mas em todo o lugar ultrapassada, na medida em que a reconciliação a conduz sempre a uma dilaceração."⁵ A catarse consistindo, pois, justamente no estágio dessa dilaceração da infelicidade, realiza a cada vez um relacionamento com o mal enquanto alívio em relação a um profundo desprazer. Assim, aprende-se, através da tragédia, a presença do mal na existência, embora a purificação sofrida do terror e piedade mostre que é sempre viável uma superação desse fenômeno indeslindável, não, é claro, no sentido de bani-lo, mas proporcionando um amadurecimento em relação a ele⁶. Aprende-se, portanto, também o indeslindável relacionamento entre vida e

⁵ RICOEUR, Paul. *O Mal – um desafio à filosofia e à teologia*. Trad. Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas: Papirus, 1988.

⁶ Não devemos esquecer que a vivência da situação inversa, passar da desdita para uma situação favorável, também faz amadurecer. A presença do inexorável, bem como da falta de garantias sobre o efeito das ações cometidas está também presente nesse modo de acontecerem as coisas.

Bocayuva, Izabela
Sobre a catarse na tragédia grega.

morte, bem próprias ao deus a quem se dedicam os espetáculos teatrais, o deus Dioniso, o deus que, tendo sido dilacerado, ressuscitou.

Como já vimos, segundo o Sileno que resguarda a sabedoria trágico-dionisíaca, se não podemos “desnascer”, que vivamos querendo a morte. Mas, é bom perceber que, ainda que nisso, nesse tipo de desejo esteja presente de modo contundente a noção de que viver é sofrer, por outro lado, não precisamos entender isso desde uma perspectiva pessimista, como é o costume. Desde essa perspectiva, a vida seria um mal que precisa ser extirpado, no sentido mesmo de um término, atingível com o cessar do batimento cardíaco. Fosse isso o que o Sileno está dizendo, cada dia não seria mais do que um vale de lágrimas e em nada o que ele diz diferiria da noção cristã de que a existência terrena não tem valor. Onde reside, pois, a sabedoria própria ao contexto do deus que renasce? Como entender como sabedoria e não mera rabugice arrogante a afirmação de se dever querer a morte o quanto antes? Não terá isso a ver com a renovação constante? Não estaria se tratando aqui daquele morrer para renascer que perfaz assim, então, em vida, a condição da imortalidade, isto é, de uma vida constantemente renovada e renovada justamente porque constantemente está a acolher a morte em si mesma?

Morte aqui nada tem de mórbido, mas muito pelo contrário, perfaz a condição de possibilidade da vida⁷. Do mesmo modo, a dor e o sofrimento em seu contraponto com a alegria e o bem estar. Tudo isso tem diretamente a ver com a experiência da renovação que faz Dioniso estar associado a Demeter e aos Mistérios eleusinos. Eudoro de Souza, comentando a Poética, vai inclusive fazer uma comparação explícita entre a catarse trágica e a catarse dos Mistérios. Ele diz:

Este "não aprender, mas sofrer" lembra a fórmula tão breve como eloqüente, que Sinésio transcreveu de Aristóteles, citando o *De Philosophia*, a qual, porém, se refere à vivência do "iniciando" nos Mistérios, que nada aprende [com o intelecto] (*où mathein*), mas sofre emoções (*allà pathein*) e entra em certa disposição de ânimo, provisto que [de tal disposição] seja capaz.

E continua:

É curioso notar que esta mesma relação com os Mistérios, que outrora um teorizador da origem da tragédia não conseguiu estabelecer em bases *históricas*, mediante afinidades tradicionalmente documentadas, entre o drama artístico e os "*drómēna*" rituais, vem a restabelecer-se

⁷ Cf. Diálogo *Fédon* de Platão.

Bocayuva, Izabela
Sobre a catarse na tragédia grega.

fenomenologicamente, pela identidade, ou pela analogia, de atitudes sentimentais e emocionais próprias da religião e da poesia. O *mistério* da catarse podia consistir, simplesmente, na sua original afinidade com a catarse dos *Mistérios*.⁸

Esse comentário de Eudoro a *Poética* traz um outro elemento muito importante que nos ajuda a intensificar a compreensão do que, desde o início, queremos dizer quando falamos que, através da encenação imitativa teatral, se pode experimentar a própria vida, "vivendo". É que, como está bem dito nessa passagem de Eudoro citada acima, essa experiencição nada tem de teórico e reflexivo. Por isso se trata de um aprender a viver sem que com isso se esteja aprendendo conteúdos morais específicos. O que mais importa é promover uma disposição de humor fundamental: aquela que experimenta a dor mais profunda. Somente o contraste da sensação de alívio em relação a um tal *páthos* é propiciador da purificação catártica acompanhada de prazer. Com isso, aprende-se o que é viver em sentido universal: uma trajetória inexorável de peripécias e vicissitudes. Mas o mais importante é que por mais que se tenha sofrido terrivelmente junto com o herói trágico, a experiência total proporcionada pela tragédia nunca deixa de ser leve, acompanhada de intenso prazer. Assim, ao contrário de se ver no fenômeno da tragédia uma manifestação pessimista da vida, ele se apresenta agora, para nós, como uma sabia manifestação extremamente vigorosa e por que não dizer... alegre, da vulnerabilidade da condição humana, da realidade dolorosa da existência humana⁹. A própria vida é trágica e não esta ou aquela pessoa, esta ou aquela personagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *A Poética*. Trad. e comentários Eudoro de Sousa. Lisboa: Casa da Moeda, 1990.
- KIERKEGAARD, Sören. *De la tragédia*. Trad. Julia López Zavalía. Buenos Aires: Editorial Quadrata, 2005.
- KITTO, H. D. F. *A tragédia Grega* 2 vol. Trad. José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Armênio Amado Editora, 1990.
- LESKY, Albin. *A Tragédia grega*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

⁸ Aristóteles. *A Poética*. Trad e comentário Eudoro de Sousa. pág. 101

⁹ Cf. KIERKEGAARD, Sören. *De la Tragédia*. Trad. Julia López Zavalía. Buenos Aires: Editorial Quadrata, 2005.

Bocayuva, Izabela
Sobre a catarse na tragédia grega.

RICOEUR, Paul. *O Mal – Um desafio à Filosofia e à Teologia*. Trad. Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas: Papyrus, 1988.

ROMILLY, Jacqueline de. *Tragédies grecques au fil des ans*. Paris: Lês Belles Letres, 1995.

VERNANT e Vidal-Naquet. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. Trad. Anna Lia A. de Almeida Prado. São Paulo: Perspectiva, 1999.

[Recebido em dezembro de 2007; aceito em janeiro de 2008.]